

1

SEIS MINUTOS PARA A DESCOBERTA

ANTÁRCTIDA ORIENTAL

O capitão de corveta Terrance Drake, do contingente de apoio da Marinha dos Estados Unidos para a Antártida, passeava nervoso por uma duna de neve enquanto esperava que o gélido temporal acalmasse. Tinha de dar uma mijadela com urgência. Contudo, mijar implicava violar uma lei internacional.

Drake começou a tremer quando uma ventania de ar polar levantou umas enormes cortinas de neve que, por sua vez, varreram em forma de remoinhos o desolado e rigoroso deserto de terra gelada que parecia estender-se até ao infinito. Umas fantásticas dunas de neve, chamadas «sastrugi», elevavam-se na obscuridade e as suas sombras espalhavam-se como os caracteres na superfície lunar. A «última região selvagem» da Terra era um inferno inóspito e gelado, pensou, um mundo no qual o homem jamais teria lugar.

Drake começou a executar movimentos rápidos para aquecer. Sentia a pressão aumentar na sua bexiga. O Tratado Antártico apresentava uma série de protocolos muito estritos em matéria de protecção ambiental que se resumiam na norma: «Não atirar nada para o meio ambiente». E isso incluía mijar no gelo. Aqueles ecologistas doidos da Fundação Nacional para as Ciências haviam-no advertido de que o impacto do nitrogénio sobre o meio ambiente podia durar milhares de anos. Como tal, deveria abrir os seus pacotes de comida racionada e utilizar as bolsas como urinol. Por azar, não tinha o hábito de levar comida durante as patrulhas de reconhecimento.

Deu uma olhadela por cima do ombro aos distantes alojamentos em fibra de vidro com tectos brancos em forma de cúpula. Oficialmente, a missão da «equipa de investigação» norte-americana consistia

em estudar a insólita actividade sísmica que se estava a produzir sob a capa de gelo. Três semanas antes, as ondas sísmicas provocadas por um daqueles terremotos tinham dado origem ao desprendimento de um iceberg do tamanho de Rhode Island na costa este da Antárctida. À velocidade a que se deslocava — uns cinco quilómetros por dia —, e impellido pelas correntes oceânicas, demoraria cerca de dez anos a chegar a águas mais quentes, onde acabaria por se fundir.

Dez anos, pensou Drake. Era essa a distância que o separava de qualquer sítio. E isso significava que se lhe acontecesse alguma coisa ali fora, ninguém o ouviria gritar. Obrigou-se a não pensar no assunto.

Quando se alistou em Port Hueneme, Califórnia, para aquilo que seria a sua primeira missão na Antárctida, um cozinheiro civil manco, já avançado na idade, que servia uma espécie de sucedâneo de carne no refeitório de oficiais, sugerira-lhe que lesse as biografias de homens como Ernest Shackleton, James Cook, John Franklin ou Robert Falcon Scott, todos eles exploradores do século XIX e de inícios do século XX que tinham percorrido o Polo Sul para maior glória do Império Britânico. O cozinheiro dissera-lhe para encarar o seu novo posto como se de uma prova de resistência se tratasse, um rito de passagem para a verdadeira masculinidade. Dissera-lhe que uma viagem à Antárctida seria semelhante a uma relação amorosa fugaz — exótica e apaixonante —, e que sofreria uma mudança transcendente e quase espiritual. E que precisamente quando aquele paraíso hostil o tivesse seduzido por completo, teria de se ir embora e odiaria ter de o fazer.

O caraças.

Desejava abandonar aquele cubo de gelo desde o primeiro dia. Sobretudo quando, ao chegar, os seus subordinados o informaram de que fora ali, na Antárctida, que o velho cozinheiro de Port Hueneme perdera o braço, que congelara. O estúpido do homem tinha enganado todos os membros da unidade.

Era já demasiado tarde para voltar atrás. Nem sequer podia regressar a Port Hueneme por muito que quisesse. A Marinha tinha fechado o centro de treinos para as missões na Antárctida pouco depois de Drake ter chegado àquele inferno gelado. Quanto ao cozinheiro manco, estaria certamente a usufruir da sua reforma na praia, assobiando às raparigas em bikini, ao passo que ele, Drake, acordava muitas vezes com umas dores de cabeça terríveis e com a boca totalmente seca. Noite após noite, o ar, que era tão seco como o ar do deserto, fazia com

que a humidade do seu corpo se evaporasse. Levantava-se todas as manhãs com os mesmos sintomas deixados por uma noite de bebedeira, mas sem a vantagem de ter desfrutado de uma boa bebida.

Enfiou no bolso a mão embutida numa grossa luva e sentiu a pata de coelho congelada que a sua noiva Loretta lhe oferecera. Em breve, estaria presa ao retrovisor do Ford Mustang vermelho descapotável que desejava comprar para a sua lua-de-mel com o dinheiro dos dias de férias passados a trabalhar. Estava a poupar naquele lugar, até porque ali não havia forma de gastar o dinheiro. A Estação McMurdo, o principal posto avançado norte-americano na Antártida, encontrava-se a cerca de dois mil e quinhentos quilómetros de distância e os únicos entretenimentos que oferecia aos seus duzentos cidadãos invernais eram uma caixa Multibanco, uma cafetaria, dois bares e uma proporção entre homens e mulheres de dez para uma. A verdadeira civilização estava situada a quatro mil quilómetros, em «Cheech» — Christchurch —, Nova Zelândia. No fundo, bem que podia estar em Marte...

Portanto, quem diabo iria vê-lo mijar no gelo?

Drake parou. O temporal tinha acalmado. Nesse momento, os ventos catabáticos tinham abrandado por completo e reinava um silêncio sepulcral. Contudo, o vendaval podia voltar sem aviso prévio, qual ventania ensurdecadora deslocando-se a mais de trezentos quilómetros por hora. Essa era a imprevisível natureza dos *thules* antárcticos, os desertos gelados do interior do continente.

Era a sua oportunidade.

Incapaz de aguentar mais tempo, abriu a braguilha do grosso fato que o mantinha quente e urinou. O esticão provocado pelo frio foi como uma descarga eléctrica. Naquela noite, a temperatura ameaçava descer até aos 54º negativos, ponto em que qualquer parte do seu corpo que estivesse exposta se congelaria em menos de trinta segundos.

Começou a contagem decrescente em voz alta a partir de trinta. O seu hálito gerava pequenas nuvens de fumo. Sete segundos antes de chegar a zero, fechou a braguilha das calças e deu graças com uma breve oração ao mesmo tempo que levantava os olhos para o céu. As três estrelas do cinturão da constelação de Orion brilhavam com intensidade sobre a árida superfície gelada. «Os Reis de Leste», como lhes chamava, foram as únicas testemunhas da sua suja façanha. *Verdadeiros homens sábios*, pensou com um sorriso, e nesse preciso momento sentiu que o

gelo vibrava ligeiramente sob as suas botas. *Outro terramoto*, compreendeu. Seria melhor verificar as leituras.

Dirigiu-se para as cúpulas brancas da base e a neve estalou sob os seus passos. Segundo os regulamentos, as cúpulas deviam ser amarelas, vermelhas ou verdes para atraírem a atenção. Porém, não era propriamente atenção o que o Tio Sam queria. Muito menos quando o Tratado Antártico proibia a presença quer de pessoal, quer de equipas militares no Continente da Paz, excepto para «fins de investigação».

Drake recebera ordens para levar uma equipa de cientistas da NASA até ao interior da zona oriental da Antártida e fê-lo seguindo nada mais nada menos do que o meridiano do cinturão de Orion. Depois de chegarem ao epicentro dos recentes sismos e de construírem a base, os elementos da NASA começaram imediatamente a estudar os terramotos e as reverberações. E, posteriormente, começaram a perfurar. Portanto, a «investigação» tinha algo que ver com a topografia subglacial do antigo continente, três quilómetros abaixo do gelo.

O que a NASA esperava encontrar ali debaixo era algo que Drake não conseguia imaginar e que o general Yeats não lhe revelara. Da mesma forma, não percebia por que é que uma equipa de investigação precisava de armas e patrulhas de reconhecimento rotineiro. A única ameaça concebível era a equipa da Comissão das Nações Unidas para a Antártida (CNUA), sedeadada na Estação Vostok, uma antiga base russa que tinha sido reactivada poucas semanas antes. Não obstante, a Estação Vostok estava a mais de seiscentos quilómetros, a umas dez horas de viagem por terra. As razões pelas quais a NASA se preocupava tanto com a CNUA eram tão misteriosas para Drake como o que estava oculto sob o gelo.

O que quer que estivesse ali debaixo teria pelo menos uns doze mil anos, calculou Drake, pois segundo lera nalgum sítio, fora nessa altura que o gelo cobrira aquele inferno glacial. Devia ser algo de vital para a segurança nacional dos Estados Unidos da América, caso contrário, Washington não teria corrido o risco de levar a cabo uma acção com tanto secretismo nem se teria exposto ao reboliço internacional que a expedição ilegal produziria caso fosse descoberta.

O centro de operações era um iglu prefabricado em fibra de vidro, com várias parabólicas e mais umas quantas antenas apontadas às estrelas. A caminho do refúgio, Drake provocou vários estalidos ao passar por entre as dezenas de postes metálicos existentes à volta da base.

O ar seco da Antártida convertia qualquer ser humano numa bola carregada de electricidade estática.

Ao entrar no centro de operações, o calor gerado pelas estufas térmicas colocadas sob os bancos, em cima dos quais estava disposto todo o material de alta tecnologia, deu-lhe as boas vindas. Não tinha ainda fechado a porta daquele paraíso térmico quando o operador de rádio lhe fez sinal para que se aproximasse.

Drake dirigiu-se ao painel de controlo em grandes passos, ao mesmo tempo que sacudia a neve de cima de si. Pousou os dedos sobre uma banda metálica que rodeava o painel de instrumentos e descarregou-se assim da electricidade estática. As faíscas abanaram-no durante um instante, mas era menos doloroso do que danificar inadvertidamente os computadores e toda a informação neles contida.

— O que se passa?

— Captámos qualquer coisa através das ondas electromagnéticas. — O homem deu umas pancaditas nos auriculares. — O padrão é demasiado regular para poder ser um fenómeno natural.

Drake franziu o cenho.

— Em alta voz.

O tenente carregou num interruptor e, de imediato, um som rítmico e regular ressoou por toda a sala. Drake tirou o gorro do anoraque, deixando à vista uma mecha de cabelo escuro e encaracolado. Deu alguns pequenos golpes com um dos seus grossos dedos no painel e baixou a cabeça. Não havia dúvidas, o som era de natureza mecânica.

— É a CNUA — concluiu Drake. — Seguem-nos o rasto. Provavelmente, o que estamos a captar é o ruído dos Hagglands, os seus tractores de neve. — Drake começou logo a antever o iminente escândalo internacional. Yeats ia ficar furioso. — A que distância estão, tenente?

— A um quilómetro e meio por baixo do gelo, capitão — respondeu o desconcertado oficial.

— Por baixo do gelo? — Drake olhou para o homem de soslaio. O som tinha-se intensificado.

Uma das lâmpadas do tecto começou a balancear-se. Nesse instante, o chão agitou-se e vibrou sob os seus pés, como se um comboio de mercadorias se estivesse a aproximar.

— Isto não está a vir dos altifalantes! — gritou Drake. — Tenente, ponha-se imediatamente em contacto com Washington via satélite.

— Estou a tentar, capitão. — O homem pressionou vários botões. — Não respondem.

— Experimente a frequência alternativa — insistiu Drake.

— Nada.

Drake ouviu um estalido e levantou os olhos. Um pequeno pedaço de gelo estava a desprender-se do tecto. Desviou-se da sua trajectória.

— E por VHF?

O tenente negou com a cabeça.

— A rádio não funciona.

— Raios! — Drake correu para o lugar onde as armas estavam guardadas e pegou numa M-16 antes de se dirigir para a porta. — Restabeleça a comunicação via satélite!

Drake abriu a porta e saiu bruscamente para o exterior. O ruído era ensurdecedor. Respirando com dificuldade entre cada passada, correu pelo gelo até ao perímetro do acampamento, onde se deteve.

Levantou a M-16 e escrutou o horizonte através do visor nocturno. Nada, para além daquela aura espectral verde acentuada pelos remoinhos de neve polar. Continuou a observar, como se esperasse distinguir, de um momento para o outro, os contornos de uma dezena de Hagglunds da CNUA. Pelo ruído, até pareciam ser uma centena. Merda, e se fossem os russos nos seus monstruosos veículos de oitenta toneladas, os tractores Kharkovchanka?

Foi então que o chão estremeceu sob os seus pés. Drake baixou os olhos e viu que uma sombra larga deslizava entre as suas botas. Retrocedeu num salto, sobressaltado. Havia uma fenda no chão, e crescia a grande velocidade.

Pôs a M-16 às costas e tentou ultrapassar a fenda correndo em direcção ao centro de operações. Ouviam-se gritos por toda a parte à medida que o ruído forçava os aterrorizados soldados a saírem dos seus iglus em fibra de vidro. E, subitamente, os gritos foram silenciados por uma rajada de vento.

O ar gélido precipitou-se sobre as suas cabeças como se estivessem num túnel de vento. O impacto da corrente catabática fez com que Drake perdesse o equilíbrio e caísse de costas. Bateu com a cabeça no chão com tanta força que perdeu os sentidos durante um instante.

Quando voltou a si, o vento tinha amainado. Permaneceu ali estendido durante vários minutos antes de levantar a dorida e palpitante cabeça para olhar em seu redor, com o gorro coberto de pó de neve.

O centro de operações desaparecera. No seu lugar abria-se um abismo negro; um enorme precipício em forma de meia-lua e com cerca de cem metros de largura tinha engolido o acampamento. O frio estava a fazê-lo delirar... Ou era essa a esperança de Drake, pois quase podia jurar que o precipício se estendia no gelo por mais de um quilómetro e meio.

Muito lentamente, arrastou-se até àquele abismo em forma de foice. Tinha de descobrir o que acontecera, quem sobrevivera e quem precisava de cuidados médicos. No meio daquele silêncio total, conseguia ouvir o som que o seu fato térmico produzia ao deslizar sobre o gelo; o coração batia-lhe com força no peito à medida que se aproximava da berma do precipício.

Drake esticou a cabeça e direccionou a lanterna para a escuridão. A luz acariciou as cristalinas paredes de gelo branco-azuladas antes de descer até ao fundo.

Meu Deus, pensou, este buraco deve ter mais de mil metros de profundidade.

Viu então os corpos e os restos da base. Estavam num recife, centenas de metros mais abaixo. Era difícil distinguir o pessoal do contingente de apoio da Marinha, com os seus fatos brancos, dos restos de fibra de vidro e de metal retorcido. Porém, conseguiu localizar facilmente os cadáveres dos cientistas civis graças aos seus anoraques multicolores. Um deles jazia numa pequena saliência, afastado dos demais. Tinha o pescoço dobrado num ângulo estranhíssimo e estava enquadrado por um halo de sangue.

A cabeça de Drake começou a andar às voltas enquanto via o que restava daquela que tinha sido a sua primeira missão no comando. Tinha de examinar os outros corpos para ver se alguém ainda respirava. Tinha de procurar algum equipamento com o qual pedir ajuda. Tinha de fazer alguma coisa.

— Está aí alguém? — gritou, e a sua voz soou oca devido à secura do ar.

Ouviu com atenção e pareceu-lhe distinguir o barulho de campainhas. Mas o ruído provinha dos membros congelados do operador de rádio, que se balanceavam e tiniam como cristal contra o equipamento destruído. Voltou a gritar:

— Está aí alguém?

Não houve resposta, apenas o sibilo grave do vento a atravessar o abismo.

Drake olhou com mais atenção e viu uma espécie de estrutura que sobressaía do gelo. Não era fibra de vidro nem metal, nem nada que pertencesse ao acampamento. Era algo sólido que quase parecia brilhar.

Que merda é esta?, pensou.

Um pesado silêncio caiu sobre a planície. Nesse instante, Drake compreendeu com uma lucidez aterradora que estava só.

Desesperado, procurou entre os detritos por um telefone com o qual pudesse fazer uma ligação via satélite. Se ao menos conseguisse mandar uma mensagem para que em Washington soubessem o que tinha acontecido...A esperança de que haveria ajuda a caminho da Estação McMurdo ou da Estação Amundsen-Scott dar-lhe-ia as forças necessárias para construir algum tipo de refúgio, para sobreviver durante a noite.

De repente, o vento uivou. Drake sentiu o chão ceder e ficou sem fôlego ao mergulhar de cabeça na obscuridade. Caiu de costas e, juntamente com o ruído seco do impacto, ouviu um desagradável estalido. Não conseguia mexer as pernas. Tentou gritar para pedir ajuda, mas só ouviu o forte arquejo dos pulmões.

No céu, as três estrelas do cinturão de Orion brilhavam indiferentes e silenciosas. Drake detectou um odor peculiar, ou melhor, uma espécie de mudança na natureza do ar. Sentiu o seu coração bater a um ritmo insólito mas regular, como se estivesse a perder o controlo do seu corpo. Apesar de tudo, ainda conseguia mexer as mãos.

Rebuscou com os dedos no gelo e agarrou como pôde a lanterna, que continuava acesa. Explorou a escuridão movendo o feixe de luz pelas paredes translúcidas.

Os seus olhos demoraram um pouco a habituar-se. Nem sequer era capaz de distinguir o que estava a ver. Pareciam pedaços de carvão incrustados no gelo. Até que percebeu que eram olhos, os olhos de uma menina que olhava para ele desde a outra ponta da parede gelada.

Contemplou aquele rosto durante um momento e, quando virou a cabeça, saiu-lhe da garganta um gemido mudo. Havia, à sua volta, centenas de seres humanos perfeitamente conservados, congelados no tempo, com as mãos estendidas num gesto de desespero.

Drake abriu a boca para gritar, mas o solo recomeçou a tremer e uma brilhante avalanche de cortantes fragmentos gelados caiu-lhe em cima.